DOSSIÊ:
"FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONTRIBUIÇÕES DE ARENDT, NIETZSCHE E OUTRAS AURORAS."

Sergio Pereira da Silva[1]

A formação de professores tem sido uma temática muito valorizada nos discursos políticos que versam sobre os desafios da educação brasileira nas últimas décadas. Tem sido comum a máxima de que, se bem feita, ela é a panaceia para os males que afligem a formação, em todos os níveis. Entretanto, os pensadores e as análises recorrentes nos discursos, nas publicações, nos projetos e nos eventos pedagógicos configuram-se um consenso em torno de uma cultura otimista, superficial e estetizante (*prá inglês ver..*): são priorizados, salvo raras exceções, os pensadores mais apetecíveis ao apetite do mercado ou aos consensos acadêmicos: os "politicamente corretos", os "companheiristas", os "revolucionários", os "salvacionistas", os "modistas" etc.

Ora, para além das análises conspirativas, entendendo-se que, pelo menos em prol de uma consciência de bem estar consigo mesmo, todos querem uma nova e boa educação, os problemas na formação de professores, no Brasil, se perpetuam, numa primeira suposição, porque a necessidade dos dissensos e da pluralidade de ideias nos debates, nas ações e nas políticas educacionais, ainda não se converteu como imperativo para o esclarecimento dos atores da educação e para as suas ações práticas consequentes. Acrescida à esta afirmação, entende-se que uma segunda, e ainda mais funesta suposição, diz respeito ao desconhecimento *de* ou a despreocupação da maioria *para com* os ardis idealistas, emotivos, corporativistas e mendazes, existentes nas lógicas que relacionam o discurso com a prática, com a vontade e com a realidade. Talvez jamais o idealismo, que remonta aos devaneios do filósofo Platão, sobretudo, tenha descrito tão bem o desencontro entre o que é desejado, o que é planejado, pensado e o que é feito ou necessitado, no dia-a-dia da escola e da universidade, neste país.

[1] Filósofo, mestre, doutor e pós-doutor em Educação. Estudioso do pensamento de Nietzsche e Sloterdijk e da cultura pedagógica brasileira em consonância com a cultura religiosa. Professor da U. E. Educação, UFG – Unidade Catalão. Email: spsilva2014@yahoo.com.br

Eis, portanto, o alerta para que os eventos acadêmicos, as publicações, as propostas políticas, as práticas e os discursos pedagógicos ousem eludir o confortável terreno da obviedade. Com este espírito "suspeito", em abril de 2015, foi realizado na Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, o I seminário de Filosofia e Formação de Professores, no qual palestrantes, professores, alunos e profissionais das redes municipais, estaduais e privadas discutiram os desafios da Formação de Professores tendo a filósofa Hannah Arendt e o filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche, sobretudo, como referenciais filosóficos.

Renomados palestrantes, de distantes universidades brasileiras, participaram como conferencistas e debatedores de "mesas-redondas" e um expressivo número de participantes ouvintes (ativos) garantiram o sucesso do evento. Após o evento, as temáticas discutidas foram transformadas, pelos seus próprios autores, em artigos que constituem esse dossiê que tem a pretensão de estender a todos leitores da Revista Poíesis Pedagógica, aquele espírito acadêmico, que dominou o evento, qual seja, o de pensar a educação brasileira e seus desafios com probidade, ousadia e originalidade.

Este dossiê é composto por nove artigos, ou reflexões, que utilizam o pensamento de Arendt ou de Nietzsche para pensar a educação brasileira e o desafio da Formação de Professores. Espera-se que o leitor curioso possa deliciar-se, desconcertar-se e desestruturar-se com tais reflexões.

No primeiro artigo, intitulado "SCHOPENHAUER COMO EDUCADOR: UM MODELO DE MESTRE.", o autor mostra como Nietzsche, na sua juventude, apontou Schopenhauer como o modelo de mestre, por excelência, porque este filósofo convoca o indivíduo à realização de si, à concretização daquilo que constitui o mais próprio de cada um, a "chegar a ser o que se é".

No segundo artigo, intitulado "EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO ESCOLAR: UM OLHAR A PARTIR DO PENSAMENTO DE NIETZSCHE.", o autor reflete sobre a modernidade, o sentido e o modelo de educação que originaram neste período histórico. Utiliza Nietzsche para enfatizar um "novo tipo de educação, não mais estruturada para atender a demanda do mercado na formação de trabalhadores, mas sim uma educação como formação de si", que, segundo o autor, é o modelo mais adequado para se pensar a educação "frente ao tipo de homem que se deseja formar".

No terceiro artigo, intitulado "**FORMAÇÃO DE PROFESSORES:** entre a "estetização" que afirma a vida, como ela é, e a "racionalização" que a nega", o autor sugere que "a decadência da formação de professores, no Brasil" encontra uma de suas

justificativas em uma cultura pedagógica "negadora da vida", imersa no platonismo paulino que nos foi legado pelo cristianismo, ressentido e reativo. O autor insiste que esta cultura pedagógica, por ele caracterizada como própria da "Pedagogia do Ressentimento", somente será superada por outra, com traços dionisíacos e, portanto, afirmadora da vida como ela é, não da vida idealizada, facilitada e negada pelas "próteses metafísicas" que povoam o imaginário do indivíduo fragilizado, excluído e autocompreendido como "fraco".

O quarto artigo, intitulado "DE HANNAH ARENDT A KARL MARX: O NOVO E PRECÁRIO MUNDO DO TRABALHO, NO SÉCULO XXI.", o autor analisa os conceitos de "ação", "trabalho" e "labor" da filósofa Hannah Arendt quando esta elaborou uma crítica contundente dos pressupostos de Marx e de sua interpretação da sociedade moderna. O autor procura mostrar que as fragilidades desta crítica de Arendt é uma redução ao equiparar o estatuto do trabalho de Marx ao da economia política clássica. Segundo o autor, nesta redução, a filósofa associa a teoria social marxiana aos fundamentos teóricos do liberalismo e se esquece do "cerne do projeto marxiano de emancipação do homem: a abolição da propriedade privada e do trabalho alienado".

O quinto artigo, intitulado "INFÂNCIA, NATALIDADE E FORMAÇÃO DO PROFESSOR: DIÁLOGOS COM HANNAH ARENDT", o autor discute e aproxima os conceitos de "infância", formulados por Giorgio Agamben e Walter Kohan, do conceito de "natalidade", desenvolvido por Hannah Arendt. Com esta discussão e com esta aproximação, o autor pensa a formação inicial do professor que atua com crianças, na educação infantil. O conceito de "natalidade" surge como alternativa superadora da polêmica entre "protecionistas" e "autonomistas" e afirma o direito da criança à liberdade e à igualdade, quando a prepara para os desafios da vida adulta, como ser autônomo e livre.

O sexto artigo, intitulado "A POSSIBILIDADE DE UMA PEDAGOGIA ARTÍSTICA NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES E DE EDUCANDOS.", a autora, inspirada nos escritos de Nietzsche sobre a Educação e na sua proposta para o desenvolvimento da cultura, nos estabelecimentos de ensino, pensa a formação de professores, nas atuais conjunturas pedagógica, social e política brasileiras, a partir do que a autora chamou de uma "Pedagogia Artística". Dentro do amplo sentido da Arte, a autora chama atenção para a dança, "como expressão estética e como modelo de um aprendizado que liberta todas as potencialidades criativas do discente.". Através da dança,

o professor pode atiçar a criatividade, o senso de pertença à cultura em direção à educação plena.

O sétimo artigo, intitulado "A CONCEPÇÃO DE SUPER-HOMEM COMO UM PROCESSO DE TRANS-FORMAÇÃO HUMANA.", o autor analisa o conceito nietzschiano de "Super-homem", na perspectiva de uma educação e de uma formação de professores que priorizem a transformação humana. O autor enfatiza que o conceito de formação é criticado por Nietzsche como sendo "estático"; por outro lado, "transformação" sugere um devir vital. Os conceitos de "gênio", "espírito livre" e "super-homem" serão aprofundados pelo autor com a intenção de mostrar ao leitor que esta perspectiva é capaz de, através da educação, promover a "transformação humana".

O oitavo artigo, intitulado "NOTAS SOBRE A (*TRANS)FORMAÇÃO* HUMANA, NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE.", a autora recupera a sentença nietzschiana "como alguém se torna o que é", para pensar uma educação, vinculada aos propósitos formativos, para além da "transmissão", "modelação", "conformação" e "adequação" humanas. A defesa de uma cultura e de uma educação afinadas à vida mostra-se capaz de acolher os desafios elucidados nas análises contemporâneas da Filosofia da Educação, em torno da formação humana e dos novos rumos na construção do sujeito humano, enquanto um ser em devir. Por conseguinte, o sentido da formação humana se afastará das apropriações metafísicas e teleológicas, alcançando uma acepção diferenciada.

O nono artigo, intitulado "SOB O OLHAR DE NIETZSCHE: SUBJETIVIDADE, CIENTIFICISMO E EDUCAÇÃO.", o autor busca a compreensão do sentido educacional que restabeleça novos caminhos na atual sociedade, por entender que é imprescindível a valorização tanto da subjetividade quanto da objetividade, na educação e mais especificamente na formação de professores. Utilizando-se do filósofo Nietzsche, entende a educação como exígua no desenvolvimento ou valorização efetivamente da cultura, além de ter proporcionado um modelo de formação pouco sensível à difusão dos conteúdos historicamente constituídos pela humanidade. Por isso, o autor acredita ter a educação, por função principal, valorizar ambos os caminhos, como em um amálgama. Finalmente, acredita que Nietzsche, ao tentar reconstituir o valor histórico do homem, considerou-o como sendo o principal agente de suas ações em detrimento do transcendente, colocou-o de frente com os problemas reais, logo, inseriu-o no mundo concreto.

Nove artigos! Nove instigantes leituras! Que o leitor e a leitora possam servir-se de todos, em prol de uma melhor compreensão das ideias destes dois filósofos, assim como em prol do entendimento de quão pertinentes são suas contribuições para as reflexões em torno do fenômeno cultural educacional e para a "formação de professores", mais especificamente.

Sérgio Pereira da Silva
Coordenador do Dossiê